

Sandra Maria Borba Pereira¹

Evangelização da criança



Reformador: De acordo com a Doutrina Espírita, quem é a criança? Como a fase infantil se faz necessária aos encarnados para seu desenvolvimento espiritual?

Sandra Borba: Uma das mais originais e fecundas contribuições do pensamento espírita diz respeito à concepção de criança. Se as Ciências da Educação modernas, ao longo dos últimos séculos trouxeram uma visão mais ampliada da infância, superando a ideia da criança como adulto em miniatura ou uma tábua rasa, a Doutrina Espírita nos apresenta o ser infantil como um Espírito reencarnado, com anteriores experiências, um patrimônio que se expressa por meio de aptidões, ideias inatas, interesses, temperamento. A criança traz consigo conquistas e dificuldades, talentos e possibilidades e essa visão nos amplia não só a visão sobre ela, mas a responsabilidade na sua formação. Santo Agostinho em *O livro dos espíritos* nos orienta a observarmos desde cedo a manifestação dos instintos

infantis das crianças para melhor orientá-las, considerando com a resposta 383 do citado livro que “Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo”.

Jesus demonstrava muito amor pelas crianças e afirmava “Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é o Reino dos Céus”. Como interpretar esta máxima?

Temos dois pontos a destacar quanto à exortação de Jesus. Em primeiro lugar importa recordemos que Ele se dirige à alma humana e não só ao ser humano circunscrito na existência corpórea. E sua ação junto a nós se dá além da cognição, nos atingindo no mais profundo do ser. Palavras e ensinamentos, exemplos e ações, mas também magnetismo extraordinário e ternura cuidadosa. Tudo isso propicia níveis de aprendiza-

gens que nem temos condição de imaginar. Por isso as crianças se sentiam atraídas por Ele. Outro ponto importante é que Jesus é o Mestre e, obviamente, sabe que o processo educativo nos atinge em todas as faixas etárias e condições (encarnados e desencarnados). Se entendemos com Kardec que a educação é a formação de hábitos, podemos concluir que quanto mais cedo essa formação se der, melhor. Em singular mensagem de *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XI, item 8, o Espírito Lázaro afirma: “O Espírito precisa ser cultivado, como um campo”. E a criança é um campo potencialmente fértil para receber as sementes excelentes do Evangelho à luz dos princípios espíritas.

É importante que toda criança tenha uma orientação espiritual segundo os ensinamentos de Jesus. Como lhes podemos oferecer a dádiva deste aprendizado?

Sem dúvida não se pode descuidar da orientação moral e espiritual das novas gerações,

pois isso significa comprometer o futuro pela ausência de valores, disciplinas e desafios fundamentais à formação do caráter dos futuros cidadãos. No lar encontram-se os primeiros educadores, pais ou responsáveis pela prole. No instituto doméstico, laboratório de emoções, ponto de encontro de almas para aprendizagens e reajustes, se forma o caráter. E se valores que Jesus nos legou pela palavra e pelo exemplo, tais como respeito, fraternidade, caridade e indulgência estiverem presentes nessa formação ao lado dos cuidados naturais, carinho, diálogo, vivência e educação integral, a criança viverá experiências estruturantes de uma personalidade saudável. Por outro lado, a instituição espírita pode e deve ser parceira da família, por meio da oferta da ação evangelizadora junto à infância, numa soma de esforços em prol da construção de pessoas de bem, desde os primeiros anos de vida. Desde o seu lançamento em 1977, a Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantojuvenil, lançada pela Federação Espírita Brasileira alerta: “A criança e o jovem reclamam direção no Bem”.

Por que as crianças são sensíveis às percepções como ver Espíritos, citar nomes de parentes que não conheceram, brincar com Espíritos desencarnados?

Afirma Emmanuel, na obra *O consolador*, psicografia de Chico Xavier, questão 109, que “Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele [o Espírito reencarnado] e a matéria orgânica. Suas recordações do Plano Espiritual são, por isso, mais vivas [...]”. Considerando a natureza espiritual das crianças e sua interexistencialidade, os mais velhos devem ver com naturalidade essas percepções, aguardando que cresçam, pois naturalmente elas desaparecerão, ressalvadas as exceções, que devem ser observadas, estudadas e cuidadas.

Como os pais podem lidar com a mediunidade infantil? Que orientações e procedimentos são necessários para melhor lidar com esta “novidade” na família?

Permita-me considerar que não há “novidade” nesse quesito. Talvez pelo aumento significativo de crianças nos núcleos de evangelização espírita, como provam as últimas estatísticas do IBGE, ou pela maior divulgação dos princípios espíritas, estejamos registrando com maior frequência esses casos. Crianças com mediunidade ostensiva estão presentes na história, inclusive entre nós, com destaque para Chico Xavier, Yvonne Pereira e Divaldo Franco, exemplos excepcionais e incommuns. A despeito de sabermos da sensibilidade mediúnica inclusive em crianças, a identificação de um

quadro de mediunidade ostensiva se diferencia de um quadro de hiperatividade, déficit de atenção, perturbação espiritual ou outros estados. Ainda que saibamos que pode haver a eclosão mediúnica mesmo em tenra idade, a reação da família deve ser natural: nem ridicularizar e nem incentivar ou exacerbar, o que só trará consequências negativas ao desenvolvimento infantil. O que se exige nessa questão é prudência, estudo e alguns cuidados. A família deve buscar o conhecimento do assunto; a Casa Espírita necessita se preparar para acolher a criança e seus familiares para as orientações cabíveis. A ambiência de amor e diálogo, o estímulo ao autocohecimento, o evangelho no lar, a preparação do sono, a integração nas atividades de evangelização, o passe, as vibrações pela criança e uma atitude natural dos familiares a auxiliará a lidar de forma mais segura com uma faculdade que, para ser de fato identificada, deve apresentar a persistência do fenômeno e as evidências de sua veracidade. O bom senso kardequiano em *O livro dos médiuns*, capítulo XVIII, nos orienta sobre os cuidados e exigências da prática mediúnica, os quais demandam amadurecimento físico, psicológico e desenvolvimento moral.

/////////
¹ N.R.: <sandramariaborba@gmail.com>.